

O uso da razão na composição de uma trajetória de liberdade¹

Beatriz Brandão de Oliveira²

Miguel Damato Neto³

O documentário “Epílogo” que está disponível no Youtube, tem como tema a violência doméstica. Para isso foram entrevistadas quatro sobreviventes de violência doméstica feitas de diversas formas; psicologicamente, fisicamente, etc. Através dos seus relatos sofridos com seus, até então, companheiros demonstram a fragilidade da lei dentro das residências das famílias brasileiras. Além dos relatos das entrevistadas, contamos com o auxílio de contestações de uma assistente social, uma psicóloga e dois advogados que, juntos, abordam mais detalhes sobre as situações enfrentadas pelas sobreviventes. Com a ajuda da assistente social entrevistada é possível compreender as motivações geradas pela violência e como a recorrência desse fenômeno, infelizmente, é alta. A psicóloga abordada trás o entendimento da situação vivida pelo agressor e as mulheres agredidas com embasamento teórico e social, onde entende que tal perpetuação tem de suma origem a dependência, podendo ser, principalmente, emocional ou financeira. Por fim, os dois advogados trazem o entendimento de como tal crescente questão da violência na sociedade impactou a Constituição Brasileira, trazendo assim, uma forma juridicamente possível de se proteger vítimas com o objetivo de que tal fato diminua.

Ao assistirmos o documentário ficamos impactados com a triste realidade que ainda assombra a humanidade, e anuvia os nossos pensamentos, mas nos deixa claro sobre a realidade em que muitas mulheres enfrentam e as suas lutas pela sobrevivência e pelo reconhecimento. Platão nos traz um grande ensinamento no mito dos cavalos alados, no livro Fedro, este mito explica a causa da descida das almas aos corpos, a sua

¹Ensaio desenvolvido para a disciplina de Ética Geral sob a orientação do professor Luiz Baronto

² Estudante de Relações Públicas

³ Estudante de Filosofia

vida inicial e as razões de sua afinidade com o divino. Originariamente a alma estava próxima dos deuses e vivia uma vida divina. Devido a uma culpa, descendeu a um corpo sobre a terra. A alma é como uma carruagem alada puxada por dois cavalos e guiada por um condutor. Os dois cavalos dos deuses são igualmente bons, mas os das almas humanas são de raças distintas: um é bom e outro mau, o que torna difícil conduzi-los. O condutor simboliza a razão e os dois cavalos representam a parte não lógica da alma: a concupiscência (relação com a cobiça) e a irascibilidade (relação com o orgulho e a raiva). Ao tentar chegar à planície da verdade, as almas se amontoam e se chocam entre si. Se inicia uma briga em que rompem as asas e, assim, as almas caem sobre a terra. Em todos os mitos existe a ideia do poder libertador das dores e sofrimentos humanos. Não há outra forma de se libertar da injustiça. Mas existe também a força salvadora da razão e da filosofia, ou seja, da busca e da visão da verdade, que salva para sempre. O seres humanos devem sempre buscar a justiça, através da prática de atos bons, justos e belos. Temos como exemplo no documentário a busca por justiça através do acionamento às autoridades com os boletins de ocorrência realizados pelas entrevistadas. Apesar da emoção e do medo causado pela violência sofrida e os agentes externos, a razão foi utilizada como tentativa de buscar harmonia. Como a finalidade da sua conduta, teria como princípio uma opção de saída do relacionamento abusivo em que viviam. Sendo também uma forma de autodeterminação e, conseqüentemente, um exercício de liberdade e autonomia.

A máxima do oráculo de Delfos continua válida, “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”, quando se busca o autoconhecimento, é possível identificar as possíveis debilidades e tendências que a personalidade humana carrega, assim se torna possível superar o orgulho, a raiva e o egoísmo, ou seja a irascibilidade. Isso afetará a forma como o ser humano age na sociedade, buscando sempre a verdade, a razão e a justiça, atuando no meio em que estão inseridos de uma forma harmônica e justa. Porém um ser racional não é somente aquele capaz de estabelecer uma relação meio-fins para atingir um dado objetivo, mas também aquele capaz de eleger os fins da

sua conduta. No caso, os fins não seriam uma imposição imprescindível, mas sim um objetivo eleito, escolhido. Essa capacidade de se autodeterminar, de exercer um tipo de liberdade em que a ação não está submetida a uma influência externa, podemos denominar autonomia, que é uma consequência natural da consciência do agente moral

Portanto o reconhecimento de um ser humano capaz de produzir autonomamente seus próprios atos e normas, é o que produz a possibilidade de que os direitos humanos sejam percebidos não como regras estáticas no tempo e no espaço, mas sim direitos que mantêm uma relação necessária e dinâmica com o seu próprio tempo.